

Edição v.35
número 2 / 2016

Contracampo e-ISSN 2238-2577
Niterói (RJ), v. 35, n. 2
ago/2016-nov/2016

A Revista Contracampo é uma revista eletrônica do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal Fluminense e tem como objetivo contribuir para a reflexão crítica em torno do campo midiático, atuando como espaço de circulação da pesquisa e do pensamento acadêmico.

O ESPETÁCULO DO TRAUMA: NARRATIVAS TESTEMUNHAIS DE CELEBRIDADES SOBRE O BULLYING NUM PROGRAMA DE TV

THE SPECTACLE OF TRAUMA: CELEBRETIES' TESTIMONIALS NARRATIVES ON BULLYING IN A TV SHOW

IGOR SACRAMENTO

Doutor (2012) e mestre (2008) em Comunicação e Cultura pela Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro (ECO/UFRJ), tendo realizado estágio pós-doutoral na mesma instituição. Atualmente, é pesquisador do Laboratório de Pesquisa em Comunicação e Saúde do Instituto de Comunicação e Informação Científica e Tecnológica em Saúde da Fundação Oswaldo Cruz (Laces/Icict/Fiocruz). Brasil.

igorsacramento@gmail.com

AO CITAR ESTE ARTIGO, UTILIZE A SEGUINTE REFERÊNCIA:

SACRAMENTO, Igor. O espetáculo do trauma: narrativas testemunhais de celebridades sobre o bullying num programa de TV. **Contracampo**, Niterói, v. 35, n. 02, pp. 157-182, ago./nov., 2016.

Enviado em 12 de setembro de 2015 / Aceito em: 29 de abril de 2016

DOI: <http://dx.doi.org/10.20505/contracampo.v35i2.940>

Resumo

Neste artigo, analiso depoimentos de celebridades sobre experiências de bullying exibidos pelo programa Encontro com Fátima Bernardes com o objetivo de demonstrar como essas expressões da memória individual se articulam ao discurso terapêutico e a formatos televisivos. O teor testemunhal dos relatos se caracteriza pela autoidentificação das celebridades como vítimas de preconceito que conquistaram a felicidade. Nesse sentido, a formatação das experiências pessoais em narrativas de superação no programa é bastante exemplar da exposição de sofrimentos íntimos na cultura da mídia recente. Observo que o trauma assumiu tal valor em nossa sociedade que reconfigura a memória e a narrativa sobre eventos atormentadores, submetendo-as ao ethos motivacional, que toma o sofrimento como meio de desenvolvimento pessoal.

Palavras-chave

Celebridades. Memória. Trauma.

Abstract

In this article, I analyze celebrity testimonials about bullying experiences presente in the TV show Encontro com Fátima Bernardes in order to demonstrate how these expressions of individual memory are linked to the therapeutic discourse and television visibility regimes. The testimonial content of the reports is characterized by self-identification of celebrities as victims of prejudice who conquered happiness. In this sense, the formatting of personal experiences in overcoming narratives in the program is quite exemplary exposure of intimate suffering in the contemporary media culture. I note that the trauma took such value in contemporary society that reset the memory and the narrative about events tormentors and submit them to the motivational ethos, which takes suffering as a means of personal development.

Keywords

Celebrities. Memory. Trauma.

Introdução

A centralidade da imagem na cultura contemporânea tem reconfigurado modos de experimentação de sofrimentos, bem como as narrativas sobre doenças, infortúnios e abusos. A noção de trauma, nesse contexto, não é mais apenas associada a eventos-limite (conflitos, guerras, massacres, genocídios, ataques terroristas), mas está sendo cada vez mais mobilizada para interpretar situações corriqueiras (relacionamentos, frustrações, problemas com a aparência física, perdas). A exposição e, mais particularmente, a autoexposição de traumas tornaram-se elementos cruciais da cultura da mídia recente. *Talk shows*, documentários, *reality shows*, telejornais e tantos outros programas contam cada vez mais com formas de exposição e consumo de sofrimentos pessoais. De um modo geral, esse mostruário do trauma pessoal vem se configurando como um gênero do discurso midiático bastante recorrente, por meio do qual célebres e anônimos falam sobre inseguranças, medos e angústias.

O objetivo deste artigo é, a partir de relatos de celebridades sobre o *bullying* na escola exibidos pelo programa *Encontro com Fátima Bernardes*, demonstrar como o discurso terapêutico contemporâneo se articula a regimes televisivos de visibilidade para configurar a autoestima diante de eventos traumáticos como dispositivo de identificação e disciplinamento dos sujeitos sofredores. Para tanto, dividi o texto em duas partes, para além desta introdução e das considerações finais. Na primeira, abordo o processo de espetacularização do trauma como dispositivo de subjetivação e seus impactos na reconfiguração das expressões de memórias individuais sobre acontecimentos atormentadores. Em seguida, demonstro as relações entre o formato do programa *Encontro com Fátima Bernardes*, as formas de narrar a própria vida e o discurso terapêutico contemporâneo nos relatos das celebridades sobre o *bullying*. Para tanto, primeiramente, analiso como determinados depoimentos desenvolvem uma terapêutica da autoestima e, depois, como certos relatos tomam o trabalho como elemento fundamental para a superação do sofrimento e para a realização pessoal.

A escolha do programa *Encontro com Fátima Bernardes* se deveu ao fato de o programa procurar ter um clima informal, remetendo à encenação do ambiente doméstico (uma sala de estar, onde a apresentadora recebe os seus convidados num enorme sofá no centro do estúdio). O programa, assim como outros *talk shows*, promove uma mistura de temas de interesse público com a vida privada, ao focar em acontecimentos cotidianos discutidos por meio de relatos pessoais de anônimos e de celebridades. Conta, assim, com uma forte estratégia de pessoalização discursiva. As histórias contadas

são pessoais, tendo o intuito de constituir uma relação de intimidade e de identificação com o público mediada pela apresentadora. São frequentes no programa temas sobre saúde, traumas, doenças, comportamento, moda, qualidade de vida, histórias de superação, beleza, relacionamento, economia doméstica, música e fama.

Encontro com Fátima Bernardes estreou no dia 25 de junho de 2012. É exibido de segunda a sexta, às 10h50min, após o programa *Bem-Estar*. Além de Fátima Bernardes, conta em seu elenco fixo com Marcos Veras (ator) e Lair Rennó (jornalista). Com certa regularidade, também participam do programa, num clima informal de conversa com os convidados, o neurocirurgião Fernando Gomes Pinto, o poeta Fabrício Carpinejar, a dermatologista Daniela Alvarenga, a filósofa Viviane Mosé, a psicanalista Lígia Guerra, a educadora Andrea Ramal e o psicanalista Moisés Groisman. Eles atuam não apenas como especialistas, mas, sobretudo, como interlocutores daqueles que narram histórias de vida.

A partir do acesso ao acervo de vídeos do programa pelo site (<http://gshow.globo.com/programas/encontro-com-fatima-bernardes/>) com uma busca pela palavra *bullying* realizada em 15 de agosto de 2015, foram encontrados 16 depoimentos de celebridades: Renatão (16/07/2012), Serjão Loroza (09/07/2012), Daniel Rocha (19/07/2012), Paula Braun (18/11/2013), Leonardo Miggiorin (18/11/2013), Thiago Brava (23/03/2014), Lucas Salles (23/03/2014), Polliana Aleixo (23/03/2014), Fabrício Carpinejar (13/08/2014), Cristiana Oliveira (02/12/2014), Marcelo Serrado (10/03/2015), Marcos Caruso (18/05/2015), Fernanda Vasconcellos (28/05/2015), Juliana Alves (03/06/2015), Ana Paula Henkel (13/08/2015) e Emmanuelle Araújo (13/08/2015).

Para este artigo, por conta das limitações de espaço, optei por um dos três eixos temáticos em que se organizam os depoimentos: 1) a terapia da autoestima; 2) o trabalho como salvação pessoal; e 3) o racismo transformado em *bullying*. O primeiro eixo – que está presente na análise deste texto – contempla um conjunto de depoimentos em que a necessidade de aprimorar a capacidade individual de autoestima para poder superar os eventos de violência motivada pelo preconceito e pela intimidação se torna um imperativo. Embora o receituário da autoestima esteja presente em todos os relatos, em dois (no de Juliana Alves e de Serjão Loroza), o racismo é identificado como *bullying* e em outros a prática profissional é entendida como um processo de melhoramento de si diante das marcas deixadas na psique pela submissão ao *bullying*, como nos casos de Leonardo Miggiorin, Lucas Salles, Thiago Brava, Ana Paula Herckel e Marcelo Serrado.

A análise dos depoimentos levará em conta como a pessoalização se configura como estratégia argumentativa para garantir o estatuto de

veracidade da experiência relatada, mas também como modo de testificar a superação bem-sucedida do passado traumático. No processo de pessoalização discursiva, o “eu” da narrativa testemunhal conta com uma dupla função: de mediação entre o íntimo e o público e de referencialidade. As duas são calcadas na experiência pessoal dos fatos e, portanto, na narração dos próprios sentimentos: naquilo que só o “eu” pode tornar público e dizer que é verdade (RIBEIRO e LERNER, 2005: 215-216). O testemunho é uma “narrativa contada na primeira pessoa gramatical por um narrador que é ao mesmo tempo o protagonista ou a testemunha do evento relatado” (BEVERLEY, 2004, p.31), tendo como unidade narrativa uma experiência particularmente significativa. Além disso, o testemunho é exemplar, profundamente marcado pela oralidade; é uma narrativa que visa, antes de tudo, o particular e que tem como finalidade “a estruturação de um discurso de certo modo tipificador” (SELLIGMAN-SILVA, 2005, p.92), uma vez que cria regras para o comportamento dos protagonistas, designa fronteiras e vínculos entre enunciador e enunciatário e estabelece valores morais, exemplares, a serem seguidos e defendidos.

Há, como explico ao longo do texto, um *teor testemunhal* nos relatos das celebridades sobre suas experiências pessoais com o *bullying*, na medida em que abordam eventos do passado como pontos de partida para a superação futura. Assim como o trauma, o testemunho ganha novos contornos na cultura contemporânea.

O espetáculo do trauma e o discurso terapêutico contemporâneo

Na sociedade contemporânea, o trauma passou a ser associado de um conjunto diversificado de evento. Trata-se de uma transformação cultural que é marcada pela “generalização da experiência traumática” (FASSIN e RECHTMAN, 2009, p.6). O trauma não é mais um termo especializado da medicina (para designar lesões no corpo resultantes de determinados acontecimentos) ou da psicanálise (para se referir a perturbações psíquicas provocadas por momentos de excessiva angústia e tormenta na lembrança de determinados eventos), mas adquiriu um significado mais geral, como uma “nova linguagem sobre os eventos” (FASSIN e RECHTMAN, 2009, p.9), transformando os eventos dolorosos e diversas ocorrências da vida como sendo vagamente classificados como traumáticos. Ao longo do século XX, especialmente após a Segunda Guerra Mundial, as respostas a eventos traumáticos desdobraram-se em maneiras padronizadas. O trauma público ocorre quando ações – guerras, grandes catástrofes ou outros eventos cataclísmicos em grande escala – perturbam a manutenção da vida coletiva,

especialmente de seus princípios de moralidade e normalidade. Embora o trauma se configure em experiências individuais, ele decorre do enfretamento de questões fundamentais sobre a capacidade do coletivo para acomodar tanto necessidades pessoais quanto coletivas (YOUNG, 1996). Não é nenhuma surpresa, então, que, quando confrontado com o trauma público, as pessoas trabalhem para a recuperação através da elaboração sobre aspectos pessoais de sua identidade, que permanecem no núcleo de três estágios de recuperação – “estabelecer segurança, engajar-se em lembrança e luto e reconectar-se com vida ordinária” (HERMAN, 1992, p.155).

Desse modo, o termo trauma passou do sentido utilizado no campo da saúde mental (como os vestígios deixados na psique por uma experiência posteriormente reconhecida como excessivamente perturbadora) para uma concepção mais alargada. O uso popular do trauma como uma ferida aberta na memória coletiva, para designar graves experiências de morte e sofrimento, desde depois do Holocausto e reforçado pelo 11 de setembro, fez com que o sentido literal utilizado por profissionais *psi* (um choque psicológico) passasse a uma extensão metafórica (um acontecimento traumático) que testemunhamos, especialmente, pelos meios de comunicação (ZELIZER, 2002). Assim, a noção de trauma é não mais que um lugar-comum, uma verdade compartilhada (LA CAPRA, 2004). A sociedade contemporânea aceita tal designação, associando-a a situações de guerra e de desastres, terrorismo e em casos de violência excepcional. É comum a ideia de que eventos trágicos e dolorosos, experimentados individual ou coletivamente, deixam marcas na mente, pois são vistos como lesões, por analogia, àquelas deixadas no corpo (ZELIZER, 2002, p.698).

Além disso, contemporaneamente, num contexto em que a afetividade e as emoções, de modo geral, estão ganhando protagonismo na vida social, difunde-se rapidamente a ideia de que o trauma possa frequentemente definir experiências pessoais de sofrimento como abuso, assédio moral ou sexual, violência doméstica, pobreza, racismo, dependência de drogas, abandono afetivo, *bullying*, violência sexual e muitas outras. Furedi (2004) associou tal processo à emergência de uma cultura terapêutica, na qual há o entendimento de que é a partir do núcleo psicológico que os sujeitos podem se objetivar, fazendo escolhas que poderão potencializar o seu próprio “eu” em diversos âmbitos da vida (trabalho, relações pessoais e amorosas, estudo, lazer, saúde, bem-estar, autoconhecimento). Há, nesse contexto, um individualismo mais agudo, no qual a busca pela verdade de si é entendida como o próprio processo de concretização da subjetivação contemporânea. Dessa forma, a experiência humana tem de ser cuidadosamente gerenciada para que as pessoas não sejam “marcadas para a vida toda” (FUREDI, 2004, p.34) por

um evento ou um conjunto de acontecimentos que levaram ao sofrimento intenso. A sensação de vulnerabilidade é exacerbada pela tendência mais ampla de experimentar uma vida de risco e perigo no mundo contemporâneo, reforçada por uma crença na necessidade de perícia psicológica para ajudar com o que costumava ser encarado como os desafios rotineiros da vida (FUREDI, 2004, p.36).

O discurso terapêutico é, portanto, o prenúncio de uma redefinição radical da subjetividade em que o dano emocional e a vulnerabilidade psicológica tornaram-se parte do novo roteiro cultural. Nesse sentido, é importante notar que o processo de popularização do trauma para qualificar eventos atormentadores do passado está completamente imbuído por uma compreensão psicológica da existência humana. O nascimento, a morte, as doenças, o casamento, a escola, as decepções amorosas, o divórcio, a perda de um emprego: tudo pode vir a ser entendido e experimentado através da linguagem terapêutica. Por isso, é cada vez mais difundido o vocabulário psicológico para caracterizar e explicar uma gama diversificada de acontecimentos individuais e até mesmo sociais (FUREDI, 2004). Há nessa caracterização uma tendência bastante reveladora do nosso tempo: a transformação de eventos entendidos como traumáticos em palavras, imagens, sons e outros signos midiáticos. Há, portanto, uma demanda social pela formação de uma subjetividade cada vez mais interiorizada, que, ao mesmo tempo, convoca os sujeitos a exporem publicamente, transformando em imagem por meio de dispositivos midiáticos, suas escolhas, desejos, gostos, sensibilidades, afetos, sofrimentos e lembranças (BIRMAN, 2000).

Tem sido bastante comum a existência de livros, programas, sites e outros produtos midiáticos que fazem um "strip-tease emocional" (FUREDI, 2007) da vida de pessoal de célebres e anônimos, demonstrando explicitamente uma paixão pública pelas revelações de traumas. Nessa intensa produção cultural, há relatos que se concentram na descrição detalhada de histórias pessoais desafortunadas, sofridas e angustiantes, mas também há aqueles que abrandam ou enfatizam determinadas situações vividas para que sejam parte de um testemunho público de superação dos problemas e de recuperação da saúde e do bem-estar por meio de um gerenciamento eficaz de si (ILLOUZ, 2006).

É muito marcante em nossa cultura a importância dada ao testemunho público da vítima, identificada e celebrada como "sobrevivente" aos sofrimentos e tormentas por que passou. O testemunho da vítima conta, então, com uma forte tonalidade exemplar, fazendo com a experiência traumática transmute-se sob o *ethos* motivacional e capitalize sobre a tendência atual de autoajuda que usa o sofrimento como meio de desenvolvimento pessoal e de acesso

à “verdade interior” dos sujeitos que apenas pôde ser alçada pela vivência de momentos marcados por abusos, violências, desgraças e angústias excessivas (MILLER, 2012, p.95). Outro elemento notável dessas narrativas é a capacidade transformar os leitores e espectadores em consumidores de experiências traumáticas que, como na pornografia, mais parecem um conjunto de “muito fingimento acontecendo” (MILLER, 2012, p.90), ou, como no caso desta análise, são encaradas como formas de reelaborar o que aconteceu dentro de uma linguagem terapêutica.

Na abordagem de Miller (2012), haveria claramente uma distinção entre verdade e falsidade. Algumas experiências traumáticas foram vistas inautênticas, uma vez que submetiam à lógica do espetáculo. Assim, haveria experiências de falseamento da identidade traumática meramente para promover o consumo de produtos midiáticos (livros, programas de televisão, revistas, sites), enquanto outras – não midiáticas – seriam mais imunes ao fingimento. Essa abordagem envolve pressupostos problemáticos. O primeiro está em negar à experiência e à memória a sua vida social. Como sociais, ambas são constituídas pelas lógicas, práticas e discursos correntes durante seu acontecimento e elaboração de modos bastante particulares. A memória não é imune à fabulação, assim como a experiência não é impermeável à representação. O importante é demonstrar o que está em jogo na configuração de determinadas formas de lembrar e experimentar que podem se associar e se contrapor a determinadas versões e lógicas de narração e experimentação já estabelecidas culturalmente. O segundo corresponde a desconsiderar a dimensão representacional da experiência e da memória do trauma. O evento em si não é tão somente do que os discursos e representações sobre eles. Parece que o autor aposta na possibilidade de haver algum tipo de experiência humana não mediada ou não representacional. O terceiro diz respeito ao fato de o autor acreditar que há uma separação rígida no contexto contemporâneo entre íntimo, privado e público. Nessa formulação, a intimidade seria o espaço por excelência da autenticidade. Assim, ignora o fato de as relações sociais serem baseadas em encenações e performances sociais e não entende que a vida se dá por meio de padrões específicos de representação, isto é, a partir da própria construção simbólica da realidade (GOFFMAN, 2007).

Para formular uma nova chave explicativa, neste artigo, exploro os limites da contribuição de Guy Debord (1997). Dessa forma, a relação entre *espetáculo* e *segredo*, tal como formulada pelo filósofo francês, não parece se sustentar no cenário contemporâneo. O autor argumentou que a esfera do segredo seria algo que se mantém por detrás do espetáculo, como complemento daquilo que ele mostra, como a senha desconhecida para acesso à verdade. Tratar-se-ia mesmo da aposta de que uma sociedade

fundamentada no aparecer é, paradoxalmente, uma sociedade que se constitui no segredo, no sentido de que cada vez há mais lugares inacessíveis, ou seja, guardados e protegidos de todo e qualquer olhar. No entanto, parece que, na contemporaneidade, o indivíduo passou a apostar no espetáculo, nas imagens e na visibilidade, como forma de autenticidade e de veracidade da experiência. Nesse contexto, o segredo vem cedendo lugar ao despudor, ao desejo de cada vez mais tornar-se imagem, como formal ideal de subjetividade e prática comum de sociabilidade.

A sociedade contemporânea não pode ser esquematicamente caracterizada pelo declínio da interioridade, do sujeito psicológico, que se constituía a partir de um universo simbólico em que se entrecruzavam emoções, lembranças, desejos e sensações. Na verdade, a visibilidade na cultura do espetáculo é um vetor produtor de formas de subjetivação, sociabilidade e identidade. Como consequência do contexto visualmente saturado, no qual é permanente a incitação ao ver e ao mostrar-se, “os destinos do desejo assumem, pois, uma direção marcadamente exibicionista e autocentrada, na qual o horizonte intersubjetivo se encontra esvaziado e desinvestido das trocas inter-humanas” (BIRMAN, 2000, p.24). Ou, noutras palavras, em nossa sociedade, a visibilidade se tornou “sinônimo de legitimidade, utilidade, garantia de qualidade: a frequência, a quantidade e a continuidade de visibilidade valoriza o indivíduo” (HAROCHE, 2011, p.367-368). A invisibilidade, por oposição, é entendida como sinônimo de inutilidade, de insignificância e até mesmo de inexistência no tecido social. Além disso, nesse contexto, há uma somatização da saúde, para usar a expressão de Nikolas Rose (2013), em que a tese de Deborb para identificar o poder da sociedade do espetáculo – da passagem do ser ao ter e, finalmente, ao aparecer – permite uma nova forma de classificação de saúde e doença, pela aparência de saudável e de doente, engendrando novas formas de subjetivação em conexão com a hipervisibilidade midiática.

O bullying e a terapêutica da autoestima

No programa *Encontro com Fátima Bernardes* exibido no dia 19 de julho de 2012, o ator Daniel Rocha foi perguntando pela apresentadora se já havia sofrido *bullying*. A partir daí, iniciaram uma conversa:

FÁTIMA: Agora, o Daniel Rocha tem uma história da vida real para contar. **Você já foi vítima de bullying, né?**

DANIEL: Fui... **Acho que toda criança tem uma história para contar. Eu tenho duas. Ontem, no avião, eu me lembrei de uma. Fazia sete anos que não pensava nisso, mas acho que marcou a minha vida, porque**

senão eu não lembrava. Uma é de quando eu tinha oito anos, já era ator, fazia teatro e comecei a fazer comerciais. Era bacana: com oito anos e já fazendo comercial. Eu achava isso legal. Era um comercial para o Dia dos Pais. Era sobre um pai ensinando para o filho a fazer a barba. Era um contrato de três meses. E nesses três meses eu não tive sossego na escola. Todo mundo ficou me sacaneando. Durante um mês, eu não falei nada, nem mesmo para a minha mãe. Mas, depois, eu falei o que estava acontecendo para ela. Minha mãe sempre me protegeu, e ligou para a escola. A diretora foi incrível, marcou uma reunião com todo mundo e explicou que aquele era o meu trabalho: “Se um dia ele estiver na novela das oito daqui a não sei quanto tempo, vocês vão falar que são amigos dele”.

FÁTIMA: E isso te ajudou de alguma forma, te fez...

DANIEL: **Fez...** Eu me lembro de uma outra, já um pouco mais velho, com uns 12 anos. Eu jogava futebol, mas era muito magro e pequeno. Todo mundo me sacaneava. **Daí, eu comecei a fazer jiu-jitsu para me defender, mas descobri a sua filosofia de vida e me fortaleci** [grifos meus].

É interessante observar o trabalho de rememoração relatado pelo ator. Primeiramente, ele parte de uma universalização do *bullying*, garantindo que ele é uma experiência comum a todas as crianças. A associação da infância ao *bullying* é bastante reveladora do modo contemporâneo de construção da subjetividade. A subjetividade moderna se estabelecia na distância do anormal, isto é, para além de uma gama de delinquências criminais, transtornos psicológicos, deformações físicas e deturpações sexuais. O poder de normalização das diferenças durante o século XIX promoveu a configuração jurídico-biológica de formas de disciplinar os corpos indisciplinados, o que levou a existência de sanções, punições e restrições aos considerados anormais. Atuando como ideal regulador, essa normatividade produziu efeitos duradouros de territorialização da subjetividade e determinou as práticas consideradas inteligíveis, lícitas, saudáveis e reconhecíveis e aquelas tidas como ininteligíveis, ilícitas, doentias e abjetas, as quais passaram ao território da anormalidade (FOUCAULT, 2001). Desse modo, como observa Vaz (2014), o distanciamento da figura do anormal permitia a configuração de uma subjetividade de acordo com a normalidade e, portanto, com o conjunto de normas sociais de disciplina dos corpos e com uma variedade de saberes (médicos, biológicos, psicológicos, jurídicos) que diferenciam sujeitos normais de anormais. A subjetividade contemporânea, por sua vez, se arranja tomando como normatividade a distância do preconceituoso (VAZ, 2014). O poder de normalização não se instaura mais na limitação, mas no direito ao prazer, à felicidade e ao desejo. É interessante observar uma

importante mudança de eixo: a anormalidade não está mais exclusivamente associada àquele que já fora considerado desviante (o homossexual, o negro, o excessivamente gordo ou magro e assim por diante), mas principalmente ao preconceito que cerceia o direito individual de ser feliz. Sendo assim, há uma demanda social crescente para que o indivíduo entenda-se como tendo uma vida bem-sucedida, vitoriosa, caso se liberte do preconceito e não se ajuste a ele, mas seja reconhecido pela sua singularidade. Afinal, em nossa sociedade considera-se que “é o preconceito que faz o indivíduo adoecer” (VAZ, 2014, p.34).

Nesse sentido, fica evidente o valor que se atribui ao sofrimento contemporaneamente no relato de Daniel Rocha. A experiência de sofrimento se configura dentro de uma lógica teleológica de superação e de estabelecimento de uma vida feliz, mais prazerosa e bem-sucedida, livre dos preconceituosos que cometeram *bullying*, por exemplo. Afinal, aqueles parecem terem ficado no anonimato. É como se o sofrimento vivido tivesse sido recompensado pelo sucesso da vítima e pelo anonimato dos agressores. A previsão da diretora do colégio havia se tornado realidade. Daniel Rocha, à época da entrevista, estava fazendo bastante sucesso na interpretação do personagem Roni em *Avenida Brasil* (2012), um jogador de futebol em ascensão que tinha problemas com a aceitação de sua sexualidade, mas acaba vivendo um relacionamento a três com Suellen (Isis Valverde) e Leandro (Thiago Martins). Diferentemente de ser considerado na trama da telenovela uma anormalidade, a conduta dos personagens é aceita. O que é apenas um exemplo de como o preconceituoso passou de fato a ser o Outro da subjetividade contemporânea, aquele que se deve disciplinar dentro das novas normas sociais de aceitação das diferenças.

Além disso, a afirmação de que “toda criança tem uma história para contar” demonstra a banalidade com que a experiência traumática foi relatada. Ao mesmo tempo que generaliza, considerando que todos foram vítimas de preconceito na infância, tal expressão o particulariza. Ele superou o sofrimento causado pelas ofensas a ponto de se tornar um ator famoso. A banalidade da experiência também se revela na seguinte frase: “Ontem, no avião, eu me lembrei de uma”. É evidente que a lembrança de Daniel Rocha se associava muito mais à pauta do programa (o *bullying*) do que à rememoração de uma experiência realmente perturbadora e marcante (“Fazia sete anos que não pensava nisso, mas acho que marcou a minha vida, porque senão eu não lembrava”). É como se, de fato, tais eventos não lhe foram definitivamente traumáticos, nem mesmo atormentadores, mas que ele estava se reelaborando como vítima para dar sentido à sua própria vida numa sociedade que valoriza com frequência as formas de superação do sofrimento numa linguagem terapêutica.

A apresentadora, no momento em que inicia o diálogo com o ator, o interpela como vítima (“Você já foi vítima de *bullying*, né?”). Ele, inicialmente, titubeia, solta um indeciso “fui...” e logo generaliza e banaliza a experiência do *bullying*. A câmera já voltada para ele, colocando-o em primeiro plano, destacando o seu rosto, os gestos com as mãos e o balançar na poltrona indicam certo desconforto com a situação. Ele foi tomado como um caso, uma vítima com uma “história real” para contar.

A entrada da fala de Daniel Rocha se inicia depois das considerações da psicanalista Lígia Coelho sobre o *bullying*. O relato pessoal tem o seu espaço no programa menos como uma ilustração da perícia psicológica do que como uma forma responder à demanda contemporânea por uma “guinada subjetiva” (SARLO, 2005), na qual o “efeito de vida real”, da fala de si, em primeira pessoa, pode garantir maior status de verdadeiramente ocorrido ao relatado (ARFUCH, 2010, p.67). Essa garantia de autenticidade e sinceridade ao relato foi dada por se acontecer ao vivo, diante dos olhos do público, e, especialmente, pelo clima de intimidade do programa. No entanto, o modo como ele narrou os eventos, sem acrescentar detalhes, foi apático. Lembrar não lhe provocou lágrimas ou expressões de sofrimento. Pelo contrário, há certa dose de ironia em relação aos seus antigos colegas de escola – vistos como preconceituosos – e, sobretudo, uma urgência por afirmar o quanto o sofrimento fora transmutado em motivação para se fortalecer física e psicologicamente (“eu comecei a fazer jiu-jitsu para me defender, mas descobri a sua filosofia de vida e me fortaleci”). Nesta afirmação, está claro um padrão de moralidade para as vítimas: não se resignarem diante dos preconceituosos e lutarem pelo direito à felicidade e ao prazer. Ou seja, o sofrimento é valorizado, na medida em que ele é superado, e o indivíduo conquista uma escala maior de bem-estar e sucesso.

No programa exibido no dia 23 de abril de 2014, a atriz Polliana Aleixo também hesitou em se identificar como vítima de *bullying*:

FÁTIMA: O programa de hoje, nós decidimos fazer sobre o bullying, sobre as pessoas que sofreram e principalmente sobre como conseguiram dar a volta por cima. Polliana, você sofreu bullying alguma vez?

POLLIANA: Bullying mesmo, eu nunca sofri. No colégio, eu usava aparelho [dental] e tinha muita brincadeira, mas era brincadeira mesmo, de criança. Nada sério.

FÁTIMA: Mas, agora, a sua personagem Bárbara sofre bullying da própria mãe. Imagino que agora muita gente tem vindo falar com você sobre situações parecidas que acontecem na novela.

POLLIANA: Sempre tem alguém que teve uma história parecida ou que conhece alguém com uma história parecida.

A estratégia da apresentadora diante da hesitação foi recorrer à trama da personagem interpretada pela atriz na novela *Em Família* (2014), que sofria com os xingamentos da mãe (Shirley, interpretada por Viviane Pasmanter) acerca da sua forma física, da sua timidez e do que considerava falta de beleza. Nesse ponto, é importante destacar a elasticidade semântica do conceito de *bullying*, que, se no final dos anos 1970 foi cunhado para designar formas repetidas e sistemáticas de humilhação de crianças no ambiente escolar num quadro de evidente desequilíbrio de poder entre agressor e vítima, foi generalizado ao longo das décadas posteriores e passou a ser classificado como qualquer forma de discriminação baseada em gênero, raça, identidade sexual, aparência e religião que ocorre em contextos institucionais (na escola, mas também no trabalho, em casa, na academia, em clubes) (VAZ, 2014, p.40). Por exemplo, a cantora e atriz Emmanuelle Araújo no programa exibido no dia 13 de agosto de 2015 relatou a sua experiência de gravidez na adolescência como *bullying*: “Não houve nada direito, declarado, ofensivo, mas muito cochicho, fofocas. Eu chegava num lugar e as pessoas cochichavam. Mas eu não sofri”.

Nesse contexto, passa a ser desejável que o *bullying* se estabeleça num nexos causal com a autoestima. Nas narrativas testemunhais dos célebres, como estou mostrando, o *bullying* é o passado, e a autoestima é o presente. Ou seja, o ideal regulador da subjetividade contemporânea está no fato de a agressão (externa ao indivíduo) se configurar como motivadora de um gerenciamento complexo das emoções de modo a desenvolver a autoestima individual (uma ação interior com repercussão na vida exterior, no estilo de vida, no comportamento, no corpo e nas relações interpessoais). Além disso, torna-se necessário a conquista do autogoverno das emoções. Emmanuelle Araújo justifica que não sofreu, porque sempre pode falar em casa, para a família, sobre os problemas pessoais: “Eríamos incentivados a falar o que estava acontecendo, e o grande problema do *bullying* é o segredo”. Afinal, na sociedade contemporânea, a exigência do autogoverno eficaz impulsiona uma “vida moral tributária de palavras, de imagens, de mensagens exteriores” (LIPOVESTKY, 2004, p.29).

No mesmo programa, a especialista em educação Andrea Ramal apresenta uma série de “dicas para os pais identificarem quando os filhos sofrem com *bullying* na escola”. Depois dessa introdução da apresentadora, ela entrou num diálogo com a apresentadora:

ANDREA: Os pais devem ficar atentos ao tipo de apelido, se ele é carinhoso, se ele é humilhante. Se ele for humilhante, deve dizer para o seu filho não ligar, fortalecer a autoestima dele; e, se permanecer, for uma coisa constante, procurar a escola ou os pais dos agressores.

FÁTIMA [voltando-se para Fernando Carpinejar]: E você, com a sua experiência, também acha que dá para se fortalecer e mostrar o seu papel dentro daquele grupo?

FERNANDO: Se você tem um defeito, se você tem uma aparência, aceita o defeito, aceita a aparência. Ninguém vai te magoar, se você mesmo já conhece. A questão é que a gente fica se protegendo uma vida toda de um defeito, a gente não quer ser descoberto, ter o defeito revelado. Se a gente se sente gordo, é gordo, de se assumir gordo. Se é narigudo, é narigudo...

PITTY [interrompendo]: Se é gordo, é gordo. É preciso se assumir mesmo. Sempre.

LAIR: [interrompendo]: Não pode ter vergonha do que se é.

FERNANDO [retomando]: Se é magro raquítico, é magro raquítico. **Fingir ser o que não é leva ao sofrimento, ao trauma.** A gente não pode ser descoberto pelo outro. Por isso, a gente precisa conhecer antecipadamente nossos defeitos.

ANDREA: Por isso, é tão importante em casa ter essas conversas que respeitem as diferenças. Se os pais ficam falando mal dos outros ("fulano é gordo", "beltrano é feio"), não há em casa um valorização da diferença. Os pais não podem ficar ensinando que as diferenças são feias, mas é justamente o contrário que devem fazer. Afinal, é com a diferença que nós aprendemos mais uns com os outros [grifos meus].

Nessa conversa, fica bastante clara como existe uma expansão da categoria de trauma para diversos acontecimentos da existência. Nesse caso, o *bullying* é caracterizado como evento bastante propício para se configurar como uma experiência traumática. Ou seja, numa sociedade em que se tornou cada vez mais comum o movimento de relacionar o sofrimento experimentado no presente a situações de violências ocorridas no passado, qualquer experiência desafortunada pode ser caracterizada como traumática (FASSIN e RECHTMAN, 2007). Além disso, a expansão do campo de aplicação do conceito de trauma na vida social, encontrou-se com a acelerada lógica espetacular da cultura contemporânea. Assim, enquanto a vítima é reconhecida como um status legítimo, mais desejável ainda é a manifestação pública da superação, sobretudo por meio de dispositivos midiático. Dessa forma, a autoestima é valorizada na medida em que é a tecnologia de poder que permite a transmutação do indivíduo de sujeito do sofrimento para sujeito da superação (SACRAMENTO, 2015; SACRAMENTO e FRUMENTO, 2015).

O discurso terapêutico contemporâneo supervaloriza a autoestima como dispositivo cada vez mais tangível, internalizado e cognitivo. Isso intensifica a reificação da autoestima, tornando-se uma característica da

psique humana que pode ser mensurável, moldável e potencializada de acordo com a consistente e mensurável da psique humana. Essa reificação da autoestima promove práticas culturais que refletem a preocupação com o sucesso e desenvolve a crença de que todos podem ter sucesso se acreditarem que é possível (HEWITT, 1998). Sendo assim, essas construções discursivas sobre a autoestima promovem princípios éticos particulares e valores ultraconservadores. Paradoxalmente, embora tais discursos enfatizem a liberdade pessoal e a autonomia da escolha, servem para transformar questões sociais estruturais (violência doméstica, criminalidade, desemprego, racismo, sexismo, homofobia, gordofobia e outras formas de preconceito) em meras questões comportamentais. Assim, a questão social praticamente se apaga diante da exponencial demanda para que o sofridor assuma a violência experimentada como sendo parte de sua responsabilidade. No caso do *bullying*, essa responsabilização se dá duplamente: por ser diferente (a causa do preconceito) e por superar o problema (a transformação da experiência de sofrimento em aprimoramento pessoal pelo desenvolvimento da autoestima).

Nesse sentido, a ideia de “cura pela fala” (BREUR e FREUD, 1969) assume, primeiramente, uma nova configuração – a da autoinspeção –, que, se não substituiu totalmente a confissão clínica, transforma a confissão numa afirmação da própria identidade que deve ser aceita pelos outros. Na verdade, confessando o que é, e, sobretudo, o que sente, para os outros (por exemplo, para os pais, professores, amigos, amantes e de si mesmo), o eu se subjetiva. Afinal, por meio dos atos de fala da confissão de uma pessoa, constitui-se um *self* próprio que parece não ser infiel a si mesmo, mas instaurador da verdade pessoal de uma experiência pela sinceridade e pela intimidade (ROSE, 1990, p.240). Sendo assim, transformar o ambiente familiar em lugar para a “escuta do eu” no lugar da escuta clínica – como relata e tacitamente recomenda Emmanuelle Araújo – é bastante elucidativo na expansão do discurso terapêutico e de suas técnicas de governo de si. Essa dinâmica também é reveladora de uma “cultura do evitamento da dor” (BIRMAN, 2000, p.248), no qual a difusão de terapias alternativas breves, o consumo crescente de psicofármacos e a constituição de espaços abreviados de escuta na família, na escola e no trabalho buscam uma espécie de cura imediata dos sujeitos, tornando-os aptos a viver como indivíduos exteriorizados e autocentrados no eu.

Foucault (2008) observou que o neoliberalismo promoveu uma reformulação radical da sociedade com base no modelo da empresa, o que desencadeou novos processos de subjetivação. Assim, os indivíduos passaram a ser moldados em *homo economicus* e deveriam calcular, competir e investir em si mesmos de modo eficaz e seguro. Quanto mais se comportassem de

acordo com o cálculo econômico, mais seriam capazes de prever e evitar riscos em direção à conquista do bem-estar e do sucesso pessoal. Ou seja, a governamentalidade neoliberal busca transformar indivíduos, fomentando capacidades e disposição de empreendedorismo e auto-responsabilização, mas, como Binkley (2007) argumenta, embora saibamos muito sobre lógicas e tecnologias de governo e sobre eles regem as práticas institucionais, sabemos muito menos sobre o conjunto de transformações subjetivas a que as pessoas se submetem nesse contexto. O governo da vida psicológica como um empreendimento neoliberal está frequentemente centrado nas relações entre o autogoverno e a autoestima. Há, portanto, a circulação acelerada da crença de que problemas sociais como crime, racismo, pobreza e violências de gênero são uma questão de autoestima – de buscar maneiras mais eficazes de governar o próprio eu para que extrair de experiências de sofrimento a vontade de superar e ser feliz (CRUIKSHANK, 1996). Nesse contexto, o rótulo de baixa autoestima indica uma falha individual para atender as expectativas sociais e demonstra um fracasso para ser feliz, positivo e otimista. Como o sucesso individual está cada vez mais mensurado pela autoestima, a baixa autoestima especifica como os indivíduos podem ficar aquém do que se espera deles em termos de normalidade na cultura contemporânea.

Sendo assim, reforçando a crença desmedida na autoestima, é evidente o porquê do foco do programa daquele dia ser revelar principalmente como vítimas de *bullying* “conseguiram dar a volta por cima”. Afinal, o que faz o discurso terapêutico uma narrativa cultural tão forte é um grande paradoxo: “na visão de mundo terapêutica, o sofrimento é o resultado de inadequados entendimentos e gerenciamentos de conflitos e crenças” (ILLOUZ, 2003, p.165). Toda forma de sofrimento, disfunção ou falha, passou a ser interpretada como um ponto a ser superado na trajetória pessoal. Ou, ainda, é o ponto a partir do qual é estabelecida a “coerência e a continuidade do eu”, tornando o indivíduo responsável pelo seu bem-estar psíquico e permitindo que “mobilize os esquemas culturais e os valores do individualismo moral da mudança e do autoaprimoramento” (ILLOUZ, 2012, p.81).

Nesse sentido, o depoimento do ator Renato Franco, conhecido como Renatão, é bastante contundente:

FÁTIMA: Renatão, conte a sua experiência com o bullying.

RENATO: O bullying é complicado. Existem pessoas, que a gente vai vendo no mundo inteiro, que sofrem com o bullying. É uma coisa muito séria. Há pessoas que sofrem bullying o tempo inteiro e acabam cometendo crimes, matando pessoas, abrindo fogo contra escolas. **Eu não cheguei a sofrer bullying na escola por ser gordo, por ser obeso.** Eu era um pouco diferente. **Eu ia para a briga.** Eu era briguento.

Então, eu comecei a brigar. Em geral, eram pessoas mais velhas que no recreio me chamavam de gordo, baleia, saco de areia. Mas eu ia para cima mesmo, eu ia atrás deles e ficava aquela pancadaria no colégio. **De alguma forma, aquilo tudo me fortaleceu.**

FÁTIMA: A sua reação?

RENATO: Fortaleceu o meu ser. **Eu sou o que sou, sou muito seguro do que sou. Eu tenho muita confiança no que eu sou**, porque desde o colégio, desde o começo da minha adolescência, eu enfrento esses xingamentos. **Mas eu tenho muita segurança em mim mesmo.** Eu sou o Renato. Daí, virou Renatão. Aconteceu por causa dessa minha mudança. Eu passei a ser como uma outra pessoa: o Renatão. Aquilo foi uma mudança na minha vida. **Foi um momento em que eu comecei a me fortalecer, virei uma pessoa que conhecia todo mundo, uma liderança no colégio, na faculdade, e acabei indo para um caminho diferente do que dessas tragédias** [grifos meus].

Presente no programa do dia 16 de julho de 2012, esse relato demonstra os limites do aceitável nas reações da vítima diante dos seus agressores. Renato passou a revidar as agressões verbais com brigas. No programa, não houve por parte da apresentadora, da plateia e dos demais convidados qualquer reação contrária à violência. Afinal, a mutação do eixo de constituição da subjetividade na contemporaneidade se estabelece na distância do preconceituoso associada a uma necessidade pelo autogerenciamento eficaz das emoções na conduta da vida (VAZ, 2014). Tais práticas demandam do sujeito sofredor proatividade. Enfim, é crescente a crença de que a mudança numa situação de sofrimento deve ser motivada por quem sofre. Então, a reação violenta de Renato em nossa sociedade é facilmente admitida e normalizada, uma vez que demonstra a capacidade da vítima gerenciar a sua vida em prol do direito de ser feliz e não mais sofrer com preconceitos.

No caso de Renato, o apelido que demarca o seu volume corporal ("Renatão") foi encarado de maneira positiva, como uma forma de autoafirmação, e envolveu tanto a aceitação do seu próprio corpo e o distanciamento dos preconceituosos. Por conta do novo apelido, ele se empoderou; deixou de ser vítima e se tornou uma liderança entre amigos do colégio e da faculdade. Diferentemente disso, os autores de casos de violência extremada, envolvendo mortes, assassinatos e massacres, deixam de ser considerados meras vítimas e passam a ser enquadrados dentro do território da loucura e da anormalidade, por mais que a experiência de *bullying* seja recorrentemente invocada como causa para os distúrbios psíquicos que os levaram a atos criminosos. Então, o ideal regulador da reação proativa da vítima é mensurado também pelo nível de violência que desencadeia, o

que demonstra a falta de autocontrole, de autoestima e de capacidade de superação. Ou seja, aquele que se torna um assassino é, antes de tudo, reconhecido como uma vítima. Apesar disso, quando mata, o indivíduo deixa de ser compreendido como uma vítima unicamente, mas também passa a ser visto como um vingador sanguinário. Nesse sentido, é comum, tanto nos textos jornalísticos quanto nas análises psicológicas sobre massacres em ambientes escolares, criar um nível duplo de causalidade: no preconceituoso que agrediu a vítima até que ela se tornasse doente e na vítima que não resistiu às ofensas de modo positivo e sucumbiu ao desejo de vingança (BRASILIENSE e VAZ, 2014).

À época, o ator interpretava o personagem Julião em *Malhação*, também marcado no nome com o grau aumentativo sintético, numa referência ao volume de seu corpo. Apesar desse evidente signo de discriminação no apelido, o ator acredita ter positivado aquilo que fora negativo e começou a ser outra pessoa – o Renatão: forte, seguro, autoconfiante e com autoestima elevada. Isso é bastante exemplar da construção do ideal de subjetividade contemporânea: a busca por uma vida saudável e feliz envolve um desejo indiscriminado de autocontrole e de evitação do trágico na vida (“Foi um momento em que eu comecei a me fortalecer, virei uma pessoa que conhecia todo mundo, uma liderança no colégio, na faculdade, e acabei indo para um caminho diferente do que dessas tragédias”).

Muitos outros artistas comentaram que sofreram *bullying* por ser considerados magros demais. No lugar da maior seriedade com que o ator Renato Franco abordou as consequências do preconceito contra a obesidade, esses relatos assumem um forte tom de humor. No programa do dia 18 de novembro de 2013, Paula Braun contou, aos risos, que “botava mais de uma meia calça para ficar maior”. Na edição de 13 de agosto de 2014, o poeta Fernando Carpinejar também lidou com humor para as suas situações de *bullying* que viveu: “Freddy Krueger, Jason, morcego, de tudo que você possa imaginar. Eu posso fazer uma segunda edição do livro só com esses nomes”. Por sua vez, Marcos Caruso, na edição de 18 de maio de 2015, relatou quase como uma piada como era discriminado:

FÁTIMA: Você sofreu com bullying?

MARCOS: Eu sofria muito, porque era muito magro. Eu tinha uma vizinha que no elevador sempre dizia: “Magrinho, né?”. Teve um dia que ela me perguntou: “Você não engorda mesmo, né?”. Eu respondi: “Olha, minha senhora, eu tenho 1,84 [metros de altura] e dá muito trabalho me manter nesse peso”. Na hora, ela parou. Nunca mais falou nada.

A atriz Cristiana Oliveira também remondou a necessidade de falar sobre os seus problemas para superá-los. Quando criança, ela foi bastante

ofendida pelos colegas na escola por ser estrábica. Segundo ela, na edição de 2 de dezembro de 2014, a situação melhorou, quando passou a se defender: “Eu não estou aqui discriminando quem sofre *bullying* e precisa que a mãe vá à escola resolver, mas na minha época era eu mesma que resolvia tudo”. Dessa forma, há, mais uma vez a valorização da resistência e da reação da vítima diante das situações de agressão. Já a atriz Fernanda Vasconcellos, pelo contrário, como relatou no dia 28 de maio de 2015 no programa, teve, aos 13 anos, que sair do colégio numa viatura policial por diversas vezes tamanha era a perseguição. A situação se desencadeou dessa forma, porque um menino mais velho e desejado por outras meninas do colégio se interessou por ela. Fátima Bernardes procura saber do trauma deixado pela situação:

FÁTIMA: Isso que aconteceu mexeu com você, influenciou no que você é?

FERNANDA: Sim... Eu fiquei durante um tempo me sentindo insegura, me achando errada, perturbando os outros. Eu até hoje faço análise.

FÁTIMA: Fala... Aproveita o sofá [risos].

FERNANDA: Sim, aproveito o sofá [mais risos]. Eu não queria chamar atenção, falar muito, com medo que isso se tornasse uma violência física. Depois, eu me mudei de escola. Comecei a trabalhar, pude eu mesma pagar uma escola melhor e acabou.

A confissão pública do sofrimento íntimo no programa, como nesse caso está bastante clara, está muito menos interessada em analisar e resolver os problemas usando o ferramental psicológico do que em reforçar o discurso da autoestima. Nesse sentido, a experiência traumática é formatada para enfatizar a individualidade, o movimento de recuperação e o exemplo de sucesso. A passagem do tom sério ao informal é bastante rápida, bem como é muito presente em *Encontro com Fátima Bernardes*. Em tom de brincadeira, a apresentadora comenta que a atriz poderia se sentir como se estivesse numa sessão de terapia. De fato, o esperado era por uma conversa rápida e superficial, na qual se pudesse demonstrar um exemplo de autogoverno que levou a liberdade das agressões e a conquista de sucesso pessoal e profissionalmente (“Comecei a trabalhar, pude eu mesma pagar uma escola melhor e acabou”).

O compartilhamento da intimidade pelas celebridades, mesmo de modo anedótico, parece dotá-las de credibilidade, dando uma força maior aos seus relatos sobre si mesmos e, sobretudo, um reforço no potencial de identificação com o público. Afinal, na sociedade contemporânea, não é paradoxal que a intimidade exista como visibilidade e não apenas como segredo (SIBILIA, 2008). A quantidade de programas de televisão com relatos de anônimos e

famosos sobre a superação de problemas (traição, separação, alcoolismo, violência sexual ou doméstica, abusos, assédios morais ou sexuais, obesidade, doenças, *bullying* e assim por diante) é enorme e crescente, tendo engajado o espectador em uma vivência conjunta da narração de experiências consideradas traumáticas.

Há, ainda, um deslocamento progressivo de responsabilidades sobre o próprio indivíduo para manter a saúde, a qualidade de vida e o sucesso pessoal e profissional. Nesse contexto, o doente passa a ser visto como aquele sujeito esvaziado de seu poder de agir e transformar a si mesmo diante das adversidades (EHRENBERG, 2010). Nesse sentido, enquanto o evento traumático deixa de ser considerado aquele que não tem a possibilidade de ser prontamente assimilado, associado e inserido numa cadeia representacional (BOTELLA & BOTELLA, 2002), porque provoca sintomas de perturbação, comoção excessiva e descontrole, o indivíduo traumatizado deve frequentemente ser aquele capaz da auto-recuperação para, depois, testemunhar a sua superação. Por conta disso, a exposição de experiência com o *bullying* no programa *Encontro com Fátima Bernardes* não é detalhada, aprofundada, ou traz expressões de intensa perturbação nos convidados. A preocupação principal é, numa narrativa abreviada, tornar pública uma trajetória de superação e de reestabelecimento da felicidade, do prazer e do sucesso. Nesse sentido, enquanto a espetacularização da sociedade promove a imagem – o estilo e o visual – em parâmetro fundamental para a construção da identidade e da sociabilidade do indivíduo na vida cotidiana, ela também aumenta o culto às celebridades, que passam a ser mais frequentemente tomadas como as referências de moda, comportamento e personalidade (KELLNER, 2006).

O discurso terapêutico contemporâneo contribui para um deslocamento progressivo de responsabilidades sobre o próprio indivíduo para manter a saúde, a qualidade de vida, o bem-estar e o sucesso pessoal e profissional. Isso vem fazendo com que novas patologias e outras, como o transtorno de estresse pós-traumático, tenham seu escopo ampliado, reduzindo cada vez mais a experiência de normalidade (EHRENBERG, 2010). Nesse contexto, o doente passa a ser visto como aquele sujeito esvaziado de seu poder de agir e transformar a si mesmo diante das adversidades. Então, enquanto o evento traumático deixa de ser considerado aquele que não tem a possibilidade de ser prontamente assimilado, associado e inserido numa cadeia representacional (BOTELLA & BOTELLA, 2002), o indivíduo traumatizado deve ser aquele capaz da autorrecuperação para, depois, testemunhar a sua superação.

Nesse sentido, é como se a transformação interior proporcionada pelo crescimento da autoestima e da autoconfiança se exteriorizasse. Mais uma

vez, esse esquema de ação individual e de narração do trauma é marcado pela popularização da literatura de autoajuda na cultura contemporânea. Forma-se uma linguagem terapêutica que cada vez mais compartilhamos que vem, por exemplo, configurando a recuperação de experiências de sofrimento numa questão de hábito, treinamento ou mudança de estilo de vida comprometendo a noção liberdade com o autocentramento no eu (KEANE, 2000). Mais do que isso, a linguagem terapêutica vem transformando um universo cada vez mais amplo de experiências cotidianas de frustração, insegurança e tristeza em traumas. A banalização da experiência traumática no cotidiano e a espetacularização dele em narrativas testemunhais em programas de televisão constituem um processo acelerado de psicologização da vida contemporânea.

Nos casos analisados neste texto, fica que o testemunho assumiu uma posição extremamente individualizante. A conexão com a coletividade menos se dá pela identificação com outros sofrendores do que pelo estímulo àqueles que padeçam algum mal pela busca do sucesso individual, superando os sofrimentos com autoestima, autoconhecimento e, sobretudo, trabalho. Uma carreira de sucesso parece ser a solução para o trauma em *Encontro com Fátima Bernardes*.

Encontro com Fátima Bernardes, assim como *Casos de Família e Esquadrão da Moda*, do SBT, *Bem-Estar* e *Mais Você*, da TV Globo, guardadas as suas particularidades, promovem a crença na importância da autoestima como sustentáculo dos projetos de felicidade individual. Com isso, há uma substancial mudança na filantropia televisiva brasileira. Há um distanciamento do costumeiro assistencialismo populista (com a reforma de casas, de carros, do corpo, do vestuário), na busca por atuar sobre a autoestima: componente entendido como indispensável para a adequação social e para a qualidade de vida. Entende-se, assim, que a felicidade é resultado de uma reprogramação mental e não está associada a determinantes sociais (classe social, gênero, etnia, violência, educação, informação). Tal reprogramação se manifestaria em mudanças de estilo de vida, tendo a disposição, a jovialidade, o desembaraço, a autoconfiança, a assertividade e a capacidade de reinvenção como atributos de importância vital dentro da psicologizada configuração contemporânea do capitalismo (FREIRE FILHO, 2009, p.83).

A popularização crença na autoestima como forma de conquista da felicidade individual tem gerado uma série de mudanças e transformações no governo de si. O padrão geral de mudança é de uma intensificação do discurso do "ser feliz" como alicerce do autogerenciamento, tornando o sujeito um empreendedor de si mesmo, sendo fruto das escolhas que autonomamente realizou. Nesse sentido, a felicidade é entendida como "uma tarefa, um regime,

uma incumbência diária na qual o indivíduo modela suas próprias emoções da mesma forma como um guru do *fitness* modela um determinado grupo muscular” (BINKLEY, 2010, p. 102). Ou seja, o indivíduo é mais valorizado e considerado bem-sucedido, quando é o agente de sua própria felicidade.

Considerações finais

A generalização de narrativas testemunhais em produtos da cultura da mídia é concomitante ao crescimento da experiência subjetiva na sociedade contemporânea: colunas jornalísticas debatem a vida pessoal como assunto público, novas revistas e programas sobre celebridades são lançados, novos reality shows, as relações entre fãs e famosos pelas redes sociais se intensificam, a fama se torna um estilo de vida. Há diversos produtos midiáticos que constituem essa guinada subjetiva, que também é sentimental e se dá pela exploração da interioridade como reivindicação do heroísmo e da salvação pessoais. Nesse sentido, o alargamento da experiência subjetiva se dá em direção à exterioridade, ao mundo da imagem, da visibilidade. Portanto, a dominância da primeira pessoa no discurso televisivo está fundamenta não apenas nos processos contemporâneos de subjetivação, mas como eles se articulam com as configurações das fronteiras entre o público, o privado e o íntimo. Nesse contexto, o discurso terapêutico contemporâneo legitima a fala pública sobre problemas pessoais como aferição da saúde psíquica. Mais do que a “cura pela fala”, busca-se tornar visível o resultado do autogoverno bem-sucedido: a superação como imagem. Nesse ponto, fica evidente o quanto a lógica do espetáculo remodela os sentidos de saúde e doença, de bem-estar e de mal-estar, na sociedade contemporânea. No lugar de buscar o tratamento por meio de procedimentos clínicos, essa prática vem sendo cada vez mais desvalorizada diante do imperativo de superação.

No contexto da cultura terapêutica atual, os indivíduos são frequentemente interpelados e posicionados como sujeitos de si, sobretudo da capacidade de transformação do sofrimento em vetor para o autoaprimoramento. Dessa forma, ao mesmo tempo os são considerados responsáveis pelo que sofrem, devem também expor as formas como superaram infortúnios em diferentes produtos e dispositivos da cultura da mídia, especialmente na forma de testemunho. Assim, suas narrativas de superação servem de aconselhamento e guia de transformação pessoal em programas como *Encontro com a Fátima Bernardes*. Na atual configuração espetacular da sociedade, a visibilidade hiperbólica e a exposição da intimidade caracterizam a contemporaneidade. Tais fenômenos promovem mudanças nos modos de subjetivação: passou-se a confiar no espetáculo, nas imagens e na visibilidade, na produção da vida

como espetáculo. O espetáculo, portanto, se constitui como o ambiente no qual os indivíduos constroem, desconstróem e reconstróem suas identidades por meio de múltiplos processos enunciativos, práticas culturais e sistemas semióticos.

Pelo fato de o programa *Encontro com Fátima Bernardes* ter vocação para a informalidade, para a construção de um ambiente leve e descontraído de conversa e encontro com celebridades, anônimos, a apresentadora, os especialistas, os integrantes do elenco fixo, a plateia e o público, as narrativas de sofrimento apareceram com o objetivo de demonstrar de modo extremamente breve como a experiência passada de abuso serviu mais para a construção do desenvolvimento pessoal do depoente do que para persistir na crueldade dos eventos. Mais do que isso: a própria identificação como traumatizado, vítima de *bullying*, no caso, responde à demanda contemporânea pela qualificação de sujeitos sofredores que reprogramaram a sua vida e objetivaram sucesso. Dessa forma, a dinâmica passagem da posição de sujeito *sofredor* para a de *salvador de si mesmo* nos breves relatos das celebridades é reveladora do modelo de normalidade esperado para o sofrimento na cultura contemporânea: fugaz e superficial, mas que leva ao autoconhecimento e a superação.

O programa reforça um ideal de subjetividade no qual autoestima, autodeterminação e desenvolvimento interior são valorizados como soluções para problemas variados em detrimento de qualquer complexidade acerca da situação social do indivíduo. Como apontei, até mesmo a discriminação racial, numa linguagem terapêutica, transmuta-se numa questão psicológica de gestão emocional. A tendência é trabalhar com um tipo de modelo terapêutico que investe desmedidamente na capacidade de superação pela vontade interior de mudar a vida e alcançar a felicidade no lugar do sofrimento como uma questão social. Desse modo, o processo de construção da crença indiscriminada na autoestima como garantia do bem-estar individual está fazendo com o que o sofrimento seja necessário para construir a própria vida como uma narrativa progressiva de redenção. A persistência do sofrimento – a experiência traumática em seu sentido mais forte, irrepresentável e perturbador – está generalizadamente desqualificada. A normalização contemporânea do sofrimento valida aqueles que buscaram em si mesmo forças para tornar uma experiência dolorosa o princípio da superação. Deixar de sofrer é o que garante a qualidade do processo de autonomização e autoconhecimento individuais em nossa sociedade, mas, por outro lado, manter-se no sofrimento pode levar a identificação do sofredor como doente, como falho na capacidade de autogerenciamento das emoções.

Referências

APPIAH, Kwame A. Identity, authenticity, survival: multicultural societies and social reproduction. In: GUTMANN, Ann (ed.). **Multiculturalism: examining the politics of recognition**. Princeton: Princeton University Press, 1994.

ARFUCH, Leonor. **O espaço biográfico: dilemas da subjetividade contemporânea**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2010.

BRASILIENSE, Danielle e VAZ, Paulo. A vítima e o vingador: o massacre de Realengo e os sentidos do bullying. In: BATISTA, Vera Malaguti.(org.). **A violência na berlinda**. Rio de Janeiro: Contracapa, 2014.

BREUER, Joseph e FREUD, Sigmund. Estudos sobre a histeria. In: FREUD, Sigmund **Obras Completas**: vol. II. Rio de Janeiro: Imago,1969.

BEVERLEY, John. **Testimonio: on politics of the truth**. Minneapolis: University of Minesota Press, 2004.

BINKLEY, Sam. A felicidade e o programa de governamentalidade neoliberal. In: FREIRE FILHO, João. (org.). **Ser feliz hoje: reflexões sobre o imperativo da felicidade**. Rio de Janeiro: Editora FGV, p. 83-104.

_____. Governmentality and lifestyle studies. **Sociology Compass**, vol. 1, n.1, p.111-126, 2007.

_____. Psychological life as enterprise: social practice and government of neo-liberal interiority. **History of the Human Sciences**, vol.24, n.3, p.83-102, 2011.

BIRMAN, Joel. **Mal-estar na atualidade: a psicanálise e as novas formas de subjetivação**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

BOTELLA, César & BOTELLA, Sara. **Irrepresentável: mais além da representação**. Porto Alegre (RS): Editora Criação Humana, 2002.

CRUIKSHANK, Barbara. Revolutions within: self-government and self-esteem. In: BARRY Andrew, OSBORNE, Thomas e ROSE, Nikolas (eds.) **Foucault and Political Reason**. London: Routledge, 1996.

DEBORD, Guy. **A sociedade do espetáculo**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

EHRENBERG, Alian. **La société** du malaise. Paris: Odile Jacob, 2010.

FASSIN, Didier e RECHTMAN, Richard. **The empire of trauma: inquiry into the condition of victimhood**. Princeton: Princeton University Press, 2009.

FOUCAULT, Michel. **O nascimento da biopolítica**. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

_____. **Os anormais**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

FREIRE FILHO, João. Renovações da filantropia televisiva: do assistencialismo populista à terapia de estilo. In: _____ (org.). **A TV em transição: tendências de programação no Brasil e no mundo**. Porto Alegre: Editora Sulina, 2009.

FUREDI, Frank. An emotional striptease. **The Spiked Review of Books**, 17 de maio de 2007.

_____. **Therapy culture: cultivating vulnerability in an uncertain age.** London: Routledge, 2004.

GOFFMAN, Erving. **A representação do Eu na vida cotidiana.** Petrópolis: Ed. Vozes, 2007.

HAROCHE, Claudine. Maneiras de ser e de sentir na aceleração e ilimitação contemporânea. In: **Cadernos Metropolitanos**, São Paulo, v. 13, n. 26, pp. 359-378, 2011.

HERMAN, J. **Trauma and Recovery.** New York: Basic Books, 1992.

HEWITT, John T. **The myth of self-esteem: finding happiness and solving problems in America.** Nova York: St. Martin's Press, 1998.

HUYSEN, Andreas. "Passados presentes: mídia, política, amnésia". In: _____. **Seduzidos pela memória: arquitetura, monumentos, mídia.** Rio de Janeiro: Aeroplano, 2000.

ILLOUZ, Eva. **O amor nos tempos do capitalismo.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2012.

_____. **Oprah Winfrey and the glamour of misery: an essay on popular culture.** New York: Columbia University Press, 2003.

KEANE, Helen. Setting yourself free: techniques of recovery. **Health**, v. 4, n. 3, pp. 324-345, 2000.

KELLNER, Douglas. Cultura da mídia e o triunfo do espetáculo. In: MORAES, Dênis de (org). **Sociedade midiaticizada.** Rio de Janeiro: Mauad, 2006.

LACAPRA, Dominick. **History in transit: experience, identity, critical theory.** Ithaca: Cornell University Press, 2004.

MILLER, Alyson. The pornography of trauma: faking identity in misery memoirs. **LIHQ**, vol. 39, pp. 90-103, 2012.

RIBEIRO, Ana Paula Goulart e LERNER, Kátia. Memória e identidade em relatos biográficos. In HERSCHMANN, Micael e PEREIRA, Carlos Alberto Messeder (orgs). **Mídia, memória e celebridades: estratégias narrativas em contexto de alta visibilidade.** Rio de Janeiro, E-Papers, 2003.

ROSE, Nikolas. **A política da própria vida: biomedicina, poder e subjetividade no Século XXI.** São Paulo, Paulus, 2013.

_____. **Governing the soul: the shaping of the private self.** London: Routledge, 1990.

SACRAMENTO, Igor e FRUMENTO, Eduardo. O câncer nas biografias sobre José Alencar: a construção de um ethos heroico. **Revista Fronteiras (Online)**, v. 17, p. 374-385, 2015.

SACRAMENTO, Igor. Tornando a dor visível: o ethos terapêutico em narrativas testemunhais de celebridades sobre o câncer. **Ciberlegenda (UFF. Online)**, v. 32, p. 109-122, 2015.

SARLO, Beatriz. **Tempo passado**: cultura da memória e guinada subjetiva. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

SELLIGMAN-SILVA, Márcio. Literatura, testemunho e tragédia: pensando alguns diferenças. In: _____. **O local da diferença**: ensaios sobre memória, arte, literatura e tradução, São Paulo: Editora 34, 2005.

SIBILIA, Paula. **O show do eu**: a intimidade como espetáculo. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.

YOUNG, A. Suffering and the origins of traumatic memory. **Daedalus**, vol.25, n.1. pp.245-60, 1996.

VAZ, Paulo. Na distância do preconceituoso: narrativas de bullying por celebridades e a subjetividade contemporânea. **Galáxia (São Paulo. Online)**, v. 14, p. 32-44, 2014.

ZELIZER, Barbie. Finding aids to the past: bearing personal witness to traumatic public events. **Media, Culture, and Society**, vol.24, n.5, pp.697-714, 2002.